

A MODA E OS BAILES NO *JORNAL DAS SENHORAS* (1852-1855) E A FORMAÇÃO DA MÃE-PROFESSORA 1

Mônica Vasconcelo 2
Marcília Rosa Periotto 3

RESUMO

É um estudo de história da educação cuja fonte é o *Jornal das Senhoras*, publicado entre os anos de 1852 -1855 no Rio de Janeiro por Joana Paula Manso de Noronha e voltado à formação das mulheres. As lentas mudanças na sociedade brasileira, ocorridas em razão da entrada progressiva das relações capitalistas, suscitavam uma maior participação das mulheres no cenário de modernização que se inaugurava. O *Jornal das Senhoras* predicava a emancipação moral das mulheres e, na medida em que deixavam o convívio doméstico em benefício da vida social, era preciso educa-las para esse novo patamar de convivência e que nele soubessem se comportar a altura dos imperativos masculinos, contribuindo com o sucesso público de seus pares. Ser elegante, estar na moda e expressar-se convenientemente exibindo uma bagagem cultural elogiável eram itens fundamentais à vida social, além de aprimorar os atributos da mãe educadora dos futuros dirigentes políticos. Desse modo busca-se demonstrar o modelo de educação feminina na segunda metade do século XIX, enfatizando a atuação da imprensa no processo de modernização do Brasil.

Palavras-chave: Educação; Imprensa-Século XIX; *Jornal das Senhoras*.

FASHION AND DANCING IN THE *JORNAL DAS SENHORAS* (1852-1855) AND THE FORMATION OF THE MOTHER-TEACHER

ABSTRACT

Current essay deals with the History of Education in Brazil retrieved from the *Jornal das Senhoras*, published by Joana Paula Manso de Noronha, for the formation of ladies, between 1852 and 1855 in Rio de Janeiro. Slow changes in Brazilian society caused by capitalist relationships triggered a greater participation of women within the modernization that was being ushered in the country. Since the *Jornal das Senhoras* underscored the moral emancipation of women, it was required that they should be educated accordingly, in proportion to their distance from home life and their preference for social conviviality. They must reach such a level of conviviality that their behavior should be at the level of male society, contributing towards the public success of their partners. The basic items for social life were elegance, fashion, and a language that exhibited a wealth of culture, coupled to great improvements as an educating mother of the future political leaders of the country. The paper demonstrates a model of feminine education in the second half of the 19th century with special reference to the press within the Brazilian modernizing process.

Keywords: Education; the press in 19th century Brazil; *Jornal das Senhoras*.

O artigo discute a moda e bailes como um dos conteúdos no *Jornal das Senhoras*. A questão do jornal era contribuir na formação da mulher brasileira do século XIX, cujo discursos visavam civilizar e progredir a nação, portanto, presumidamente o debate chegava ao público sob o estatuto da modernidade. Nesses discursos buscou-se identificar

o ideário que fundamenta a concepção de mulher com o objetivo de identificar e categorizá-lo como elemento estratégico para um novo patamar de organização social.

A sociedade brasileira patriarcal colaborava para formar a mulher submissa e propriedade do marido. Desse modo, seu papel resumia-se ao lar, o único lugar de reconhecimento que lhe era conferido. Ainda que informal, num primeiro momento, o conteúdo principal da educação na formação das meninas era torná-las boas mães e esposas.

Pode-se dizer que as mudanças no sistema capitalista proporcionaram a mulher o aperfeiçoamento de suas “qualidades naturais”. Nessa perspectiva, a moda e os bailes que aconteciam no Rio de Janeiro seria um dos elementos de distinção que tem sua própria linguagem no meio onde se convive, definindo a classe social dos indivíduos.

Os interesses femininos emergentes iam de encontro à ideia de progresso incorporada e desenvolvida no continente europeu, mas, no Brasil se deparava com a resistência conservadora oriunda de uma sociedade aristocrática e escravocrata. Essa causa encontrou ressonância na imprensa, principalmente na segunda fase do jornalismo brasileiro (1880), caracterizada pelo aumento do número de periódicos direcionados a educação feminina. O periódico estudado encontra-se na primeira fase histórica da imprensa:

Nesse período, a incipiente imprensa imperial sobrevivia com muitas dificuldades, entre as quais um público leitor restrito (já que a maioria da população era analfabeta), o alto custo da produção (que exigia maquinário importado e mão de obra qualificada e cara para os padrões da época) e a falta de recursos das máquinas, que, em geral, eram de segunda mão, importadas de países industrializados, como Inglaterra e Alemanha. Todos esses fatores afetavam o crescimento da imprensa no Brasil (BAHIA, 1972 apud LIMA, p. 228, 2012).

O processo de modernização bem como o desenvolvimento social e econômico, no início do século XIX, traziam a exigência de uma nova educação para as mulheres na medida em que se ampliava o mercado de trabalho feminino na Europa. Assim, em consonância com a ideia de progresso debatida naquele século, a moda e os bailes presentes no *Jornal das Senhoras* constituíram-se em espaço de inserção das mulheres nos espaços públicos em oposição à interdição familiar de livre acesso aos locais públicos. Com isso, abriu-se às mulheres novos caminhos de atuação possibilitando o combate das velhas formas de dominação e que não mais se justificavam historicamente.

Com a finalidade de compreender a importância histórica do *Jornal das Senhoras* a análise voltou-se para a influência da moda e dos bailes na formação das mulheres de elite do século XIX. O estudo tem justificativa no fato de se buscar na imprensa o caráter educativo apenso aos conteúdos elaborados e defendidos pelos órgãos de imprensa da época e que contribuíram para o debate cuja causa sempre esteve vinculada ao modelo de nação desejado pelas elites.

Os jornais consultados pertencem ao site Fundação Biblioteca Nacional (acervo obras raras), cujo acesso é fácil e democrático. O cuidado com essas obras históricas formalizam a relevância da imprensa do século XIX para a pesquisa historiográfica de forma geral e, em particular na História da Educação. A imprensa do século XIX materializou nas suas páginas a dinâmica social da época, com seus conflitos e reações frente a forças que a sociedade não bem compreendia ou que podiam abalar os alicerces do poder político-econômico dominante. Ao estudiosos cabe captar e explicitar, com o auxílio da ciência, a essência do movimento histórico, esmiuçando as particularidades e seus

significados no interior do processo educativo presente no Brasil no decorrer do século XIX.

Moda e bailes no *Jornal das Senhoras*

Publicado no Rio de Janeiro pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, o *Jornal das Senhoras* (1852 -1855)³ foi o primeiro periódico dirigido por uma mulher no Brasil. No decorrer dos três anos de existência a direção passou pelas mãos de outras senhoras.

No primeiro ano foi redatora Joana Paula Manso de Noronha. Ainda em 1852, Joana Paula deixou a editoria do periódico para Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco, viúva de João Boaventura. Dona Violante também deixou o jornal, assim como Joana, por motivos pessoais e financeiros. Dona Gervásia Neves foi a última redatora – ficou na direção do periódico de 1853 a 1855 (LIMA, 2012, p. 398).

No primeiro exemplar, Joana Manso revelava seu objetivo de “cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de jan 1852, p. 1). Ela demonstrava preocupação quanto ao papel feminino, tomava como um direito a educação de mulheres e reconhecia que devido à retrógrada mentalidade social as mulheres precisariam enfrentar obstáculos em relação às condições objetivas de seu desenvolvimento. Cita-se a seção *A Dama das Camélias*⁴, na qual a redatora sugere às leitoras que lessem enquanto bordavam, nesse aspecto, percebe-se a manutenção das tarefas voltadas para o lar como item obrigatório na vida das mulheres.

Aos domingos, em edições semanais, a Typografia Parisiense publicava o jornal noticiando os cuidados que as mulheres deveriam ter com a casa e filhos, moda, belas artes, teatro e crítica. O periódico também admitia publicações anônimas e o preço da assinatura para o trimestre era 3\$000 rs. na corte e 4\$000 rs. nas províncias e deveria ser adiantado, “os trimestres eram contados em janeiro, abril, julho e outubro” (GONÇALVES, 2014, p.7).

O caráter de emancipação previsto à educação feminina repercutiu polêmicas desde a primeira publicação do periódico. A ideia de que a libertação moral da mulher seguisse o desenvolvimento social do país era vista por parte da sociedade como uma iniciativa audaciosa demais àquele sexo, pois, de modo geral, o único lugar de reconhecimento estava no espaço casa/quintal (OLIVEIRA, 2009, p. 2). A presença feminina na redação de um jornal embora trouxesse satisfação às escritoras, também causava certo espanto: “Ora, pois, uma senhora à testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?” (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de jan 1852, p. 1).

A linguagem romanceada na apresentação dos modelos e narrativas de bailes ajudava no convencimento das leitoras a adotarem ideias sociais vigentes na educação dos futuros adultos. Esperava-se formar homens comprometidos com o desenvolvimento material da sociedade, certamente esses, mais tarde, ocupariam os cargos públicos relevantes nas capitais de província.

O Jornal das Senhoras instruía as mulheres a aceitarem os mais variados sacrifícios por amor à família, cuidar da casa e dos filhos, atos entendidos como a missão feminina. No início do século XIX praticamente inexistiam escolas públicas, além disso, nas poucas

instituições estudavam os homens, às mulheres restavam à educação informal nos lares. Portanto, na imprensa estava a primeira iniciativa educacional em prol das mulheres. Pode-se dizer que ela é o germe que fez proliferar os debates em torno da educação feminina. Nela acreditava-se estar o meio mais adequado para consolidar, ainda que de forma incipiente, a sociedade burguesa.

Havia ameaça de uma possível desorganização social e econômica que assombrava os intelectuais e políticos, promovida pelos conflitos regionais e também pelas consequências trazidas no bojo das práticas progressistas. Dessa forma, a eleição da mãe como responsável maior pela formação do filho detentor da mesma dominação e moralidade do pai, constituía-se num instrumento valoroso porque ficava ao seu encargo a formação dos princípios morais que pautariam a existência do indivíduo e, presumidamente, fariam dele um defensor do bem social.

A mulher, considerada naturalmente propensa ao casamento e a maternidade, tinha na educação os meios de aperfeiçoar os atributos femininos, compreendendo que eles foram criados por Deus e que nenhum outro ser poderia desempenhar a sublime missão de educar.

De maneira geral o que se previa era a manutenção dos interesses da aristocracia, entretanto, como garantir que esses interesses continuassem prevaletentes com a entrada progressiva do capitalismo? Aos poucos, a figura feminina assumia significados que remetia à consolidação da sociedade burguesa. De acordo com Sforzi (1996, p.19) as mudanças no processo de trabalho proporcionou a criação da família nuclear que “unida por laços afetivos, em oposição à grande família feudal, unida por laços de dependência material” concebe a mãe como *educadora por excelência* dos filhos. Nesse contexto, Lima faz o seguinte questionamento.

Qual era a importância da educação feminina para o progresso e a civilização? Nesse cenário histórico em que havia a separação das esferas pública e privada, em que a mulher devia se ocupar da família e o homem devia ser o provedor, qual era a importância da relação entre maternidade e educação? Como deveria ser a nova mulher? Como ela deveria se vestir? Qual era a importância da moda francesa e do recato ao se vestir? (LIMA, 2010, p. 231).

À medida que o pai se dedicava ao trabalho, a educação dos *senhores-filhos* emergia como fundamental ao construto de nação, com a imprensa passando a difundir o modelo burguês de mulher- a mãe, a cargo dessa educação, recebe responsabilidades que demanda uma participação ativa no interior da família (SFORZI, 1996, p. 46-47).

Nos centros urbanos mais populosos, como nas capitais provinciais, ecoavam alterações no modelo de educação feminina exigindo novas posturas no convívio social, no trato com o outro. No período de circulação do periódico, o Rio de Janeiro vivia um processo de urbanização que elevava as mulheres, antes confinadas nos espaços íntimos do lar, a uma função social até então desconhecida.

Até 1854, quando a iluminação a gás começou a se tornar acessível em algumas poucas ruas, as famílias usavam lampiões de óleo de peixe ou de baleias, com seu odor desagradável e resíduo de carbono, ou contavam simplesmente com velas. Desde o começo da década de 1860, as famílias mais ricas solicitaram ligações a gás para suas casas; assim, em 1874 até 10 mil residências estavam providas de iluminação a gás em toda casa. [...]. A água encanada e o sistema subterrâneo de esgotos possibilitaram

um fornecimento de água reforçado e mais confiável e, combinado a uma rede de transportes públicos, alteraram gradualmente a natureza do serviço doméstico e, a partir daí do trabalho exigido dos criadores (GRAHAM, 1992, p.69-70 apud LIMA, 2010, p.236).

As condições efetivas para a ascensão da mulher deu-se com a “abertura das casas das elites, salas de visitas e de salões para a realização de saraus noturnos, jantares e festas” (LIMA, 2010, p 231); falar francês e tocar piano eram requisitos necessários à educação das moças de elite. O prestígio masculino incluía ter sob a sua tutela uma esposa civilizada, capaz de receber bem os convivas, vestir-se adequadamente na moda do dia, enfim, mostrar civilidade tal quais as europeias demonstravam possuir.

As meninas, desde pequenas, eram preparadas para o grande momento da maternidade: convencidas à reprodução e depois elas próprias educadoras, percebe-se a associação dessa tarefa filial aos afazeres do lar já que a única oportunidade de estudar restringia-se aos conventos da Igreja Católica (SILVA: INÁCIO FILHO, 2004, p.3).

O papel da mulher no interior da família tinha um caráter conservador que restringia uma maior atuação social, entretanto, concomitantemente ela recebia ulterior importância por ser mãe de família. Valores sociais e morais conduziam sua formação, a maior parte das mulheres prontamente admitia as regras femininas impostas por estarem obstinadas a construir uma sólida reputação e que lhe permitisse ser notada como senhora de elite nos espaços públicos os quais poderiam circular.

O *Jornal das Senhoras* se notabilizou por informar as tendências da moda parisiense, auxiliando as moças a se vestirem de acordo com os padrões europeus, trazidos desde 1807 para o Brasil com a chegada da coroa portuguesa.

Os moldes ser-vos-ão do mesmo modo apresentadas em belos figurinos; sobre os quais entendemos dever advertir-vos que, sendo eles feitos em Paris, recebemos as coleções que encomendamos em estações diferentes [...]. Entretanto os adornos, feitios, penteados, etc., serão sempre dos mais modernos (JORNAL DAS SENHORAS, 7 de jan de 1855, p.1)⁵.

Os figurinos de Paris, presentes nas edições do jornal refletia a vida luxuosa, ostentada não somente na forma de vestir, mas também pelos lugares que se frequentavam e marcava a posição social das senhoras:

A moda representava para o sexo feminino uma forma de afirmação na sociedade e como aponta a historiadora Maria do Carmo Teixeira Rainho, após a leitura de jornais da época, a “moda aparecia para a mulher como algo indispensável, um elemento que, além de reforçar seus atributos naturais, distinguiria aquela da ‘boa sociedade’ pela elegância e pelo bom-tom” (RAINHO, 2002, p.138 apud GONÇALVES, p.29, 2014).

A moda era vista como um atributo feminino. Ela constituía um “veículo de expressão social e também um meio de ostentar o sucesso familiar” (GONÇALVES, 2014, p.29). Através dela, as mulheres demonstravam elegância e refinamento social “favorecendo, assim, o status social do marido (idem)”.

Na edição do dia 11 de Janeiro de 1852 a novidade estava no *colete de emancipação*: “como o nome sugere seria uma peça de roupa que iria proporcionar a emancipação daquela que o usasse” (GONÇALVES, 2014, p.31).

O colete de emancipação é uma destas modas distintas e especiais, que de tempos em tempos Paris oferece as suas elegantes para nelas produzir uma revolução e um furor que, como a eletricidade, vai tocar todos os pontos da França, todos os círculos da sociedade, e por fim percorrer vitoriosa a Europa toda, e chega a America para ali fazer outro tanto, sempre bem acolhida em toda parte (JORNAL DAS SENHORAS, 11 de jan de 1852, p.1).

O *colete de emancipação*, de certa forma, seria a materialização dos objetivos do periódico – a ascensão moral da mulher. O colete foi comparado com o advento da eletricidade, uma das tecnologias mais inovadoras do século XIX. Percebe-se, assim, a importância que o vestuário tinha na vida das mulheres da época.

Feito, preferencialmente, de seda, lã fustão ou metim, o “colete de emancipação” deveria ser usado com uma saia, um paletó muito curto arredondado nas mangas que não poderia ser fechado para poder mostrar toda a beleza da nova peça chave do guarda-roupa feminino de bom-tom. Tudo sobre uma finíssima camisa de peito de renda, cambraia de linho ou tiras bordadas. Para arrematar o traje uma gravatinha de fita de veludo (GONÇALVES, 2014, p.32).

A moda é um elemento central na constituição da identidade feminina, reflete os padrões sociais da época. Para Brandini “O consumo de moda contribuiu para a formação da imagem pública da ‘nova’ mulher do século XIX, ao abolir o uso do traje gótico do início do século e adotar uma atitude de consumo vigorosa, ávida pela novidade. Extravagante, a mulher expressava mais liberdade e independência (2009, p.84).

A utilização de roupas masculinas como gravatas, chapéus, paletós, camisas e coletes por mulheres ao longo do século XIX era uma prática comum. O colete de emancipação era uma dessas peças sendo utilizado por uma menina ou senhora⁶.

Os teatros, bailes, literaturas e outros divertimentos aproximavam as mulheres do espaço público.

Ainda me recordo vivamente do pomposo e brilhantíssimo baile, verdadeiramente imperial, com o qual dignou honrar-nos S. M. o Imperador e sua Augusta e Excelsa Esposa! Como estava ela tão angélica, tão fogueira, e tão sublime; o reflexo de sua alma pura transluzia ali, como em toda a parte, cheia de graça e primor (JORNAL DAS SENHORAS, 1º de jan de 1852, p.2-3).

O periódico chamava a atenção das moças incentivando-as a saírem de casa para os eventos da elite; porém, pode-se dizer, que submetida aos olhares atentos de um tutor, praticamente não tinham liberdade alguma. Essas deveriam se comportar de acordo com os padrões da época, a condição maior de aceitação nos círculos sociais pretendidos. Ao demonstrarem cumprir as regras do comportamento social esperado, podiam circular pelos espaços públicos que lhes era permitido.

Nos bailes prevaleciam os comportamentos apreciados e seguidos na formação da elite, o sentimento e a emoção, nesse sentido, assim como na moda, na escrita e nas artes em geral encarregavam-se de formar a mulher romântica, delicada e submissa, cuja vida real se enevoava nas idealizações. De acordo com Melo “os bailes eram indicadores de uma sociedade mais livre, mas cuja liberdade deveria ser vivida com limites” (2014, p.14).

O tipo de mulher que se queria formar refletia-se nos contos, poemas e moda, a maneira de se vestir, de se portar- discretas e brilhantes- bem como o convívio social, as identificavam e ao mesmo tempo as afirmavam como as filhas da elite, superiores por estarem associadas à riqueza, mas, principalmente, por saberem se portar como membros diletos dessa classe social. Entretanto, quando o mundo burguês bate à porta, “a mulher, que parecia feita somente para brilhar nos salões, é duramente criticada e incitada a assumir um papel assaz importante no interior da família” (SFORNI, 1996, p.47). Para tanto, seu modo de vida precisava se ajustar segundo o modelo de educação desse tempo:

Para educar o indivíduo nesse sentido não se poderia mais permitir que a mãe fosse ausente na educação dos filhos, sem amamentá-los, entregando-os às amas-de-leite ou aos internatos. - comportamento que começa a incomodar os homens da época (SFORNI, 1996, p. 44).

As mães foram “convidadas” a participar da educação dos filhos quando as relações capitalistas tornaram-se hegemônicas no Brasil. Entretanto, era comum a preferência por viver intensa vida social sem muitas preocupações quanto ao que lhe era exigido pela maternidade. Esse comportamento rendeu a ela críticas, pois o momento era outro: de garantir estabilidade a educação dos filhos, a formação da família ocidental. Deve-se atentar ao fato de que as mudanças operadas também com a ascensão econômica de indivíduos não pertencentes à elite aristocrática exigiam vida social cada vez mais requisitada às mulheres dos homens de negócios, pois da boa apresentação familiar dependia a boa sorte dos acordos comerciais.

Considerações Finais

O estudo permite verificar a importância e as características da educação presente no *Jornal das Senhoras* tendo em vista a emancipação moral da mulher. As transformações capitalistas no século XIX colocaram no centro das questões sociais e econômicas a figura da mulher, até então coadjuvante no processo de constituição da sociedade brasileira. O movimento histórico concebe a mulher, cujo modelo é determinado pelas relações sociais da época a tarefa de educar, priorizando a emulação do sentimento fraterno entre os homens, isto é, o sentimento de caridade e patriotismo necessários à formação do homem moderno e civilizado.

A mãe-professora, bondosa e cheia de ternura, assentada nos princípios da sociedade burguesa, tinha a missão de formar o cidadão brasileiro produtivo para o ambicionado progresso material. Nesse sentido, o *Jornal das Senhoras* elaborou um pensamento de cunho moralizante, ordeiro, contribuindo para a docência se tornar feminina, mas participando ativa e consciente na formação de indivíduos que visassem, antes de tudo, o bem da nação.

A força física não podia mais reinar em uma sociedade que lutava para se libertar do trabalho escravo, tampouco deveriam ser permitidos os arroubos emanados dos que procuravam a justiça social; assim, era o amor ao próximo e a caridade que deveriam conter os espíritos revoltos ante as desigualdades sociais e econômicas, portanto, quando o capitalismo evidencia a inevitável luta de classes resultante da apropriação privada dos meios de produção, a atuação da mulher na educação dos filhos faz sentido.

A sociedade se reorganizou para vivenciar a dinâmica promulgada a época; observa-se esta questão no *Jornal das Senhoras*. Parte das mulheres voltava sua atenção aos bailes e divertimentos na corte do Rio de Janeiro, evitando as obrigações maternas,

entretanto, mesmo com essa resistência às obrigações sociais de outra ordem, os elementos para formar a mãe-professora estavam presentes no meio social.

A moda e os bailes associavam as mulheres à riqueza. O *colete de emancipação* demonstra sua importância à medida que proporcionava emancipação as mulheres que o usassem, apontando-as como senhoras diletas da alta sociedade.

Apesar do caráter educativo exercido pela imprensa e defendido por ela, os preconceitos serviam de obstáculo para que a educação feminina se desenvolvesse de modo mais conseguinte. Por outro lado, mesmo com esses percalços, a sensibilidade natural da mãe-professora deveria educar o cidadão numa sociedade de classes promovendo à formação moral pela ótica do coletivo. Para manter os privilégios da burguesia na terra linha do bom senso definiam-se os direitos e deveres sociais e individuais que minimizou os problemas os quais impediam o país permitir-se à civilização.

Desse modo, se reconhece a relevante contribuição da imprensa para a emancipação formal da mulher nesse período, pois permitiu certa flexibilidade na reivindicação de direitos de igualdade e liberdade. A educação feminina foi necessária ao desenvolvimento material do país e, ao mesmo tempo da sociedade fundada no capitalismo. A figura da mãe torna-se imperiosa e inseparável da educação oferecida a elas na Escola Normal, pois os preceitos da moral cristã e as noções de cuidado com o lar acompanhavam as mulheres no espaço escolar.

O *Jornal das Senhoras* foi, assim, um instrumento de imprensa excepcionalmente feminina a mostrar os primeiros indícios de que as mulheres seriam, em tempos mais distantes, chamadas a participar de um processo de industrialização que não abriria mão de sua participação, já que se tornariam uma forma certa de produzir mais valia em troca de salários indignos à sobrevivência humana. O bom senso mostrava que uma educação moral e religiosa as afastaria dos perigos de uma vida desregrada e nefasta à educação de seus filhos, portanto cabia educá-las em vista das transformações que chegavam e alteravam a sociedade brasileira, influenciando o comportamento individual e dando ao contexto das sociabilidades uma nova conformação.

Referencias

Jornal das Senhoras, RJ, 1852

Jornal das Senhoras, RJ, 1853

BRANDINI, Valéria. Moda, Cultura de Consumo e Modernidade no século XIX. In: **Revista Signos do consumo** – v.1, n.1, 2009, p. 74-101.

RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. A Dama das Camélias desembarca no Rio de Janeiro: encenações e recepção crítica (1856-1860). In: **Miscelânea, Assis**. v. 14, p.101-121, jul-dez. 2013. ISSN 1984-2899. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/artigo-06---a-dama-das-camelias-desembarca-no-rio-de-janeiro---bruna-grasiela-da-silva-rondinelli.pdf>>.

Acesso em 13 de dez de 2014.

MELO, Victor Andrade. Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. In: **Educ. Pesqui.**, São Paulo, Ahead of print, fev. 2014.

GONÇALVES, Guilherme Domingues. **Moda e Emancipação Feminina**: um estudo do jornal das senhoras – Rio de Janeiro, 1852. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7042/1/2014_GuilhermeDominguesGoncales.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2015.

LIMA, Joelma V. “Jornal das Senhoras”: As mulheres e a urbanização na corte. **Cadernos CERU** v. 21, n. 2, Dez de 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11926/13703>>. Acesso em 25 de julho de 2015.

LIMA, Joelma V. O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX). **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p.397-403, dez 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/15023-36268-1-SM.pdf>> Acesso em 25 de julho de 2015.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2015.

SFORNI, M. S. de Faria. **A feminização do corpo docente na democratização do ensino no século XIX**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1996.

SILVA, Michelle P; INÁCIO FILHO, Geraldo. Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930): do lar para a escola ou a escola do lar? **Revista HISTEDBR Online**. Campinas, n. 15, p. 1-9, 2004 Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art14_15.pdf>. Acesso em 13 jan 2014.

NOTAS

1 Este artigo, com algumas alterações, é parte do trabalho TCC, defendido em 2014, intitulado “Civildade e Educação Feminina no século XIX: o *Jornal das Senhoras*”. Foi apresentado no VII Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado na Universidade Estadual de Maringá em junho-julho de 2015.

2 Mestrado em andamento na área de Educação, nlo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá (PPE-UEM).

3 Doutorado na Faculdade de Educação-UNICAMP. Atua na Universidade Estadual de Maringá e ministra aula e orientação no Departamento de Fundamentos da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação.

⁴ No jornal de 30 de dezembro do ano de 1855 a redatora escreve: “Não tão pouco nós esmorecemos, Senhoras. Não esmorecemos jamais. Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessária, no próximo ano

de 1856; e com o favor de Deus o *Jornal das Senhoras* reaparecerá em 1857, para prosseguir ao honroso fim a que nos propusemos, cultivando com esmero as imarcescíveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redatora, a Sra. D. Joana Paulo de Noronha(...). A todas e a cada uma em particular dirigimos nossos agradecimentos e um – adeus – até o ano de 1857”. Porém, devido a problemas financeiros, o jornal não voltou a ser publicado.

⁵ Em 1853 o *Jornal das Senhoras* publicou a tradução do folhetim francês “A Dama das Camélias” de Alexandre para o português. A tradução do romance “não foi totalmente fiel à versão original: (...) o tradutor fez supressões de trechos da obra para torná-la moralmente adequada às leitoras do jornal” (RONDINELLI, 2013, p.103).

⁶ Para a apresentação dos figurinos o jornal reservava uma página inteira. Estes eram descritos com riqueza de detalhes pela redatora na seção “Descrição da estampa”.

⁷ Seria um “colete de homem bem talhado que vestido por uma menina de quinze, vinte anos ou até mesmo uma senhora de trinta e cinco anos ficaria muito bonito” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p.10)

Recebido: setembro-15

Aprovado: outubro-15